



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO**

ANDRESA THAYANE ALVES DA COSTA

**FOTOLIVRO-REPORTAGEM FOTOJORNALISTAS PARAIBANAS: MEMÓRIA,
GÊNERO E SUBJETIVIDADE.**

**CAMPINA GRANDE
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS**

ANDRESA THAYANE ALVES DA COSTA OR DO RELATÓRIO (NOME DO ALUNO)

**FOTOLIVRO-REPORTAGEM FOTOJORNALISTAS PARAIBANAS: MEMÓRIA,
GÊNERO E SUBJETIVIDADE.**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade produto midiático, apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rostand de Albuquerque e Melo.

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837f Costa, Andresa Thayane Alves da.
Fotolivro-reportagem fotojornalistas paraibanas.
[manuscrito] / Andresa Thayane Alves da Costa. - 2023.
45 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais
Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Rostand Melo de Albuquerque,
Departamento de Comunicação Social - CCSA. "

1. Fotojornalismo. 2. Fotografia. 3. Gênero. 4. Memória. I.
Título

21. ed. CDD 070..4

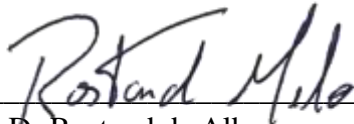
ANDRESA THAYANE ALVES DA COSTA

FOTOLIVRO-REPORTAGEM FOTOJORNALISTAS PARAIBANAS

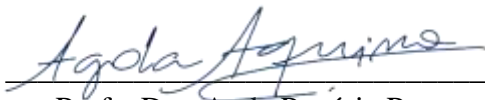
Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade produto midiático, apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Jornalismo.

Aprovado em: 01 / 12 / 2023

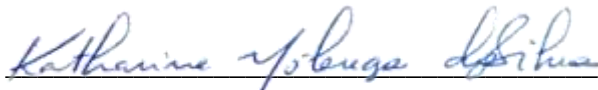
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr Rostand de Albuquerque e Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Agda Patrícia Pontes de Aquino
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Esp. Katharine Nóbrega da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus avós Everaldo e Luzia. Não dividimos mais o mesmo plano espiritual, mas a saudade o transcende, espero que a minha sempre alcance vocês.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Cícera e Erinaldo. Crescer longe de vocês e cursar uma graduação nunca esteve nos nossos planos, mas ainda bem que pude sair de casa em busca de um sonho, ser comunicadora sempre foi a minha vocação e obrigada pelo apoio nos últimos cinco anos.

Aos meus avós, Luzia e Everaldo (in memoriam). Lamento não poder pegar o diploma com vocês ao meu lado. A saudade que tenho de vocês foi combustível para transformar as páginas deste trabalho em algo possível e obrigada pelo apoio incondicional em transformar minha vida com o acesso à educação.

À minha irmã mais velha, Amanda Costa, pelo apoio mesmo em meio da todas as nossas divergências e distância.

À professora Ada Guedes por acreditar no meu trabalho de diagramação no segundo período da universidade, o projeto editorial deste livro existe pela sua paciência e apoio ao longo da construção da Revista Conteúdo. Obrigada por aceitar escrever o prefácio, não poderia pensar em outra pessoa.

À professora Fabiana Moraes, com quem durante a pandemia fiz um curso gratuito sobre

jornalismo e subjetividade. As páginas deste trabalho existem graças à sua maneira de enxergar a sua prática jornalística que atravessou a minha durante as suas aulas na pandemia e persiste até hoje. Dizer obrigada ainda é pouco para mensurar o que suas aulas fizeram por mim pela jornalista que estou prestes a me tornar.

Aos professores do Curso de Jornalismo na UEPB, em especial, Agda Aquino, Antônio Simões, Luiz Custódio, Suellen Almeida e Verônica Almeida pelos conselhos, puxões de orelha, mas sobretudo por nunca me deixarem desistir deste diploma.

Ao meu orientador, amigo e parceiro para todas as horas dentro desta graduação Rostand Melo. Reitero mais uma vez meu desejo de ser metade da pessoa que você é para os meus alunos um dia. Sua integridade, paciência e orientação me fizeram acreditar que poderia ser fotojornalista, assim como observo o seu trabalho continuar reverberando em

outras estudantes de jornalismo. Dou cliques seguros na fotografia porque tive você e Agda ao meu lado por trás das lentes.

Ao Levante Popular da Juventude, por me apresentar a comunicação popular como ferramenta de transformação da realidade do cotidiano de jovens pelas periferias, universidades do campo até a cidade. Um jornalismo que não reconhece que a comunicação é uma ferramenta indispensável na batalha das ideias de fato nunca fará revolução ou sentido para a classe trabalhadora. Um agradecimento especial ao Coletivo de Comunicação e ao seu núcleo paraibano, pois este trabalho também é fruto das nossas construções ao longo dos últimos quase cinco anos que integro essa organização com muito orgulho.

Ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em especial, ao seu núcleo Paraibano, que abriu sua biblioteca para mim. Obrigada Dilei, por me confiar os livros da biblioteca do Centro de Formação Elizabeth e João Pedro Teixeira, mas também por sempre acreditar no meu trabalho como comunicadora.

Às minhas melhores amigas que esta graduação me deu, Amélia Cartaxo e Carol Araújo. Obrigada por me ensinarem a fazer de Campina Grande meu lar e serem meu abrigo nos melhores e piores momentos. Essa graduação não faria sentido sem ter conhecido vocês.

Um agradecimento especial aos meus amigos também advindos da graduação Arthur Albuquerque e Victória Félix. Não importa quantos afastamentos e/ou brigas podemos ter na vida, sei que posso contar com vocês ao meu lado, em cima, abaixo, ou no fundo do poço.

Aos meus amigos Arthu Alexandre, André Bojim, Dandara Araújo, Daniel Santos (Café com Dan), Filipe Tavares, Joanderson Lucas, Laysa Ximenes, Louise Viana, Luciano

Marques, Maria Lídia, Guilherme Gonçalves, Sabrina Farias, Sofia Isbelo, Vinicius Araújo, Vitor Juká e Walligton Cruz seja pelas cervejas (presenciais e virtuais), seja pelos conselhos e choros ouvidos nos últimos quase cinco anos. Existem muitas definições de amizade verdadeira na vida e na literatura, mas a de Platão que diz é uma alma dividida em dois corpos é minha favorita. Amo vocês e obrigada por tudo.

Especialmente Sofia com quem dividi um teto na parte mais difícil da minha graduação, que foi passar pela pandemia e pelos processos de reativação do Centro Acadêmico.

A Matheus André. Obrigada por me ouvir falar incansavelmente desse trabalho sempre que nos encontrávamos. Jornalismo e Engenharia são áreas completamente distintas, mas aprendi que posso contar com você sempre como um bom ouvinte e curioso sobre as minhas maluquices de comunicadora.

Ao ilustríssimo 215, integrado por Jessica Ellen, Rafaela Débora, Raquel Caroline e Samara Nunes. Obrigada por serem vocês mesmas e me acolherem como família, não há nada que não alcance a coletividade e auto-organização feminina.

Aos membros do Centro Acadêmico Professor Luís Custódio (CAJOR). Coordenei esta entidade estudantil por quase dois anos, a reativei na pandemia, vivi os melhores e piores momentos durante a gestão Solidariedade entre estudantes ao lado de Carol Araújo, Felipe Bezerra, Igor Batista, Thiago Ponsat, Sarah Cristine, Verton Ribeiro e outros. Sempre acreditei no potencial transformador do movimento estudantil, sobretudo porque no meio de uma pandemia conseguimos proporcionar uma experiência universitária de acolhimento virtual aos estudantes de jornalismo. Obrigada por não soltarem a minha mão, nem deixarem de acreditar que conseguiria coordenar aquela instância quando nem eu mesma sei como fiz, mas “a bicha quer, a bicha faz” como diria o ditado queer popular.

À Amanda, Alzira, Nicolý e Tamires. Tenho certeza de que o CAJOR está em boas mãos, confio em vocês para construírem uma gestão melhor que a minha. Obrigada por segurarem minha mão neste último semestre, me abraçarem diante dos assédios que sofri e dos traumas causados pelo machismo que uma mulher tem que enfrentar ao assumir uma coordenação de uma entidade estudantil. Este ciclo vai ser quebrado depois de todas nós, peço todo os dias que vocês tenham mais ternura e endureçam com carinho.

À minha antiga psicóloga Darcy Romão por todo seu acolhimento e esforço em me fazer acreditar que este trabalho era possível de ser realizado. Em meio aos milhares de esforços de um mundo que não aceita neurodivergentes como pessoas inteligentes e capazes de concluir uma graduação ou ter uma profissão.

Aos meus melhores amigos Evandro Fisher, Júlia Alencar, Jeffrey Walber, Rayane Souza e Raab Milena. Sair de Recife foi dolorido porque significava ficar longe de

vocês e ainda é extremamente difícil, mas receber o apoio virtual ou presencialmente às vezes sempre foi importante para mim.

À minha querida professora de literatura do ensino médio, Rosário Leite. A Semana Rosa e Lilás, idealizada por ela é referência no combate à violência contra a mulher nas escolas públicas de Pernambuco. Este ano completam dez anos que pesquiso gênero graças a este projeto, obrigada por fazer da sua vida fator de transformação na vida de jovens mulheres adolescentes estudantes do ensino médio na periferia de Jardim São Paulo.

Gostaria de agradecer a minha versão criança, aquela garotinha que nunca estragou os filmes, apenas descobriu a fotografia e fez dela sua ferramenta de autoconhecimento com o apoio da escrita. Ser jornalista para mim sempre foi mais que um sonho, mas uma vocação, descobri isso na terapia e sendo pesquisadora. Nasci para ser comunicadora e me orgulho de nunca ter desistido.

Por último, e para mim, mais importante, agradeço às mulheres que confiaram a mim suas fotos na construção deste produto editorial, em especial a Clara Lenira, espero pode provar que ser autora é ser dona seu trabalho quem sabe essa pesquisa que estou realizando me permita lhe devolver algum dia, parte da sua produção, para que assim você possa tomar posse do seu trabalho ainda em vida. A Bianca Liege, por ser não só uma referência na comunicação, mas por aceitar ser meu objeto de estudo. A Fabiana Veloso, Jaciara Aires, Juliana Santos, Katherine Nóbrega, Nelsina Vitorino, Paizinha Lemos e Val da Costa por terem aceitado ser objeto de estudo desta pesquisa, por terem aberto as portas de suas vidas. Se deixaram convencer pela grandeza desse trabalho. Este livro que começou como um sonho distante, mas tomou forma, cor e subjetividade -o que para mim é a essência disso tudo - é o primeiro registro de memória de fotojornalistas paraibanas. Obrigada por confiarem em mim suas narrativas visuais tão preciosas, me sinto feliz e realizada pelo fotojornalismo ter me dado vocês como principais referências. Um bom lembrete para nunca desistir.

*“A fotografia
é um tempo morto
fictício retorno à simetria*

*secreto desejo do poema
censura impossível do poeta.”*

Como rasurar a paisagem
Ana Cristina César

RESUMO

A criação do produto midiático Fotojornalistas Paraibanas: memória, gênero e subjetividade tem como principal objetivo registrar biograficamente parte do trabalho das fotojornalistas: Bianca Liege, Clara Lenira, Jaciara Aires, Fabiana Veloso, Juliana Santos, Katharine Nóbrega, Nelsina Vitorino e Paizinha Lemos, com a pretensão de criar um documento histórico que sirva para fins de pesquisa como referencial da produção e contribuição destas fotógrafas para os veículos de comunicação do estado da Paraíba. Destaca-se também a luta do movimento feminista, o processo de institucionalização da fotografia e adesão das mulheres no mercado e campo profissional. O formato escolhido foi o de fotolivro-reportagem que é uma hibridização do formato de livro-reportagem e foto-livro. A partir destes recortes, constrói-se a fundamentação teórica, relevância social e política do presente trabalho. Obteve-se como resultado um produto midiático e que é o primeiro registro de memória dedicado exclusivamente a fotojornalistas paraibanas.

Palavras-Chave: Fotojornalismo, Gênero, Fotografia, Subjetividade, Memória.

ABSTRACT

The creation of the media product *Fotojornalistas Paraibanas: memory, gender and subjectivity* has as its main objective to biographically record part of the work of the photojournalists: Bianca Liege, Clara Lenira, Jaciara Aires, Fabiana Veloso, Juliana Santos, Katharine Nóbrega, Nelsina Vitorino and Paizinha Lemos, with the intention of creating a historical document that serves for research purposes as a reference for the production and contribution of these photographers to the media in the state of Paraíba. Also noteworthy is the struggle of the feminist movement, the process of institutionalization of photography and the adhesion of women in the market and professional field. The format chosen was the photobook-report, which is a hybridization of the book-report and photo-book format. From these excerpts, the theoretical foundation, social and political relevance of the present work is constructed. The result was a media product that is the first memory record dedicated exclusively to photojournalists from Paraíba.

Keywords: photojournalists, gender, photography, subjectivity, memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Print da Capa	38
Figura 2 – Quadros de Produção	38
Figura 3 – Fotos da Entrevista com Bianca Liege.....	39
Figura 4 – Fotos da Entrevista com Clara Lenira.....	39
Figura 5 – Fotos da Entrevista com Clara Lenira.....	40
Figura 6 – Fotos da Entrevista com Clara Lenira.....	41
Figura 7 – Fotos da Entrevista com Paezinha Lemos.....	41

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	JUSTIFICATIVA	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1	Folivro-reportagem.....	22
2.2	Mulheres, feminismo e fotojornalismo.....	24
2.3	O formato foto-livro.....	24
3	PROCESSO DE PRODUÇÃO.....	26
3.1	Metodologia	26
3.2	Entrevistas	26
3.3	Impasses de Produção.....	28
3.4	Produção Editorial	29
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS	36
	APÊNDICES	39

1 INTRODUÇÃO

Desde a sua criação, o jornalismo se constituiu como processo narrativo e de documentação e registro dos diversos fatores sociais e culturais. Naturalmente após a evolução da compreensão fotográfica e a evolução do material fotográfico passou a existir uma necessidade figurativa visual para acompanhar o texto (BUITONNI, 2012). O fotojornalismo é por definição um gênero da fotografia dentro do jornalismo que conta histórias através de narrativas visuais. A narratividade presente numa fotografia, relata um fragmento de ação e isso contribui significativamente para o jornalismo e para a narrativa intrínseca a sua prática. (BUITONNI, 2012). Dessa forma, compreender o processo da fotografia como necessária para a comunicação é afirmar que dentro de um contexto social, histórico e político, a necessidade de registros fotográficos tornou-se fundamental para noticiar os fatos e ilustrar as situações na mídia, seja ela impressa ou digital na contemporaneidade. De acordo com Boroski (2020) “com o surgimento do fotojornalismo, a fotografia deixou de ser concebida como memória e produto pessoal, de âmbito privado, e passou a assumir um caráter informativo, histórico e social, estritamente vinculado à memória pública e coletiva”.

O produto midiático fruto deste trabalho é uma construção híbrida, mas também individual e coletiva. O fotolivro-reportagem “Fotojornalistas Paraibanas: memória, gênero e subjetividade”, nasce da reflexão sobre a prática e transcende as linhas imagéticas fotográficas e cruza o sensível alcançado pelo jornalismo literário, mas também perpassa o discutido por EVARISTO (2007), quando discute que a escrita feminina negra é um método de sua reflexão social política da sua relação política enquanto mulher.

Na construção do presente trabalho, algumas análises historiográficas colaboraram historiográficas colaboraram a fundamentar as hipóteses levantadas na pesquisa realizada previamente antes da produção deste produto editorial, sobretudo a publicação de um artigo inédito em especial “Mulheres fotógrafas anos 80: Narrativas sobre uma exposição dedicada a mulheres” de Heloísa Nichele e Ronaldo Corrêa, publicado na Revista ARS da Universidade de São Paulo (USP) em 2023. Os recortes utilizados pelos autores do artigo servem como norteadores e fundamentadores desta pesquisa. Sendo eles, respectivamente, a luta do movimento feminista, o processo de institucionalização da fotografia e adesão das mulheres no mercado e campo profissional. A partir destes recortes, constrói-se a fundamentação teórica, relevância social e política deste trabalho.

A partir da segunda metade da década de 1970 (CORRÊA E NICHELE, 2023), observase uma expansão feminina no mercado em diferentes segmentos da profissão, mas poucas pesquisas se preocupam em descrever em quais condições se deu essa adesão. Pode-se dizer, no entanto, que boa parte dessa adesão se deve à também, mas não somente pela luta da institucionalização da fotografia no Brasil, a partir de instâncias federais reguladoras e avanço do movimento feminista no Brasil e suas considerações acerca do trabalho feminino.

O exercício da profissão de fotojornalista, apesar de ser majoritariamente destacado pelos nomes masculinos no mercado, seja em sala de aula ou em destaque na formulação teórica do campo, também é composto por exímias mulheres que se destacam por seus trabalhos fundamentais para a construção do imaginário fotográfico. Na história da fotografia podemos destacar nomes como Dorothea Lange e Margaret Bourke-White (fotógrafas estadunidenses), Gerda Taro (fotojornalista alemã, de origem judia) e no Brasil, Maureen Bisilliat, inglesa que foi naturalizada no país.

De acordo com a pesquisa realizada em 2021 pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre O perfil do Jornalista Brasileiro, a precarização do trabalho do jornalista fez com que cada vez os comunicadores se identificassem com mais áreas afins do jornalismo e não pudessem exercer apenas o papel fotográfico nas suas funções dentro da redação. Deste modo, além de todos os processos de apagamento histórico, um debate caro e norteador para a compreensão do problema da memória na América Latina, sobretudo para os países que foram colonizados e sofreram com os regimes ditatoriais, pois possuem a compreensão do que seria memória abalada por esses conflitos históricos formadores.

O formato de fotolivro possuiu uma assídua produção no Brasil na contemporaneidade e também pode ser observado como recurso estético histórico, tecnológico e cultural (RAMOS, 2017). Numa rápida pesquisa nos catálogos e livros fotográficos percebe-se uma ausência ínfima feminina desses materiais de fins documentais e sobretudo de memória de produção catalográfica com teor bibliográfico. É inegável que a profissão é majoritariamente composta por figuras masculinas, afinal ainda vivemos numa sociedade machista, patriarcal e sob um sistema econômico vigente que se alimenta de opressões, logo tais opressões nunca deixarão de existir. Todavia é importante salientar que as principais justificativas para a ausência de mulheres na profissão estão atreladas a precarização das relações de trabalho, pois mesmo graduadas em jornalismo ou fotografia, o vínculo empregatício quase sempre é a principal dificuldade feminina nas agências de notícias e redações espalhadas pelo país.

Na etapa de produção das entrevistas do presente trabalho esta hipótese foi fundamentada a partir das entrevistas com Fabiana Veloso e Katharine Nóbrega que citam suas condições de trabalho nas redações pelas quais passaram.

A criação do produto midiático Fotojornalistas Paraibanas tem como principal objetivo documentar o trabalho de fotojornalistas paraibanas e pioneiras na área, criar um registro histórico que sirva para fins de pesquisa sobre a produção e contribuição destas fotógrafas em veículos de comunicação e quaisquer que sejam os canais que tenham sido vinculados seus trabalhos visuais.

O foto-livro, em sua essência, transmite uma mensagem através das imagens, sejam elas acompanhadas de texto ou não. Pode conter mais de um autor, suas imagens são selecionadas em contexto como parte de uma construção visual, impressa ou digital. Horácio Fernandes (2011), definiu os foto-livros como livros que possuem imagens autorais e que contam uma narrativa com continuidade. O livro-reportagem em sua essência também está a serviço da memória, mas ao contrário dos foto-livros, ele condensa a narrativa textual como fator transmissor da mensagem.

O presente trabalho, optou por hibridizar os dois formatos e criar um fotolivro-reportagem. Essa decisão foi tomada, tendo em vista que vivemos uma série de transformações no jornalismo desde a revolução industrial até o presente e que isso é o crescimento da convergência midiática e seu impacto no fluxo de conteúdo das várias plataformas, fato que leva a reflexão sobre ser preciso inovar nos formatos (JENKINS,2008). Além disso, a fotografia de autoria feminina se dá através do cruzamento de suas vivências através do gênero e raça. Sendo assim, o formato híbrido desses dois produtos jornalísticos também sustenta a hipótese que a fotografia de autoria feminina é uma escrevivência (EVARISTO, 2007) a partir da perspectiva de gênero e raça.

O objetivo geral era produzir um fotolivro-reportagem para mapear as fotojornalistas paraibanas, apresentando-o, enquanto registro de memória, no formato de produto digital (ebook) para o campo fotojornalístico. Sendo assim, a partir da pesquisa sobre a produção do campo e as entrevistas, obtive como objetivos específicos:

- Disponibilizar esse material digitalmente em formato de e-book para futuras pesquisas na área;
- Fundamentar a hipótese de que a fotografia de autoria feminina é uma escrevivência, pois está ligada a questão de gênero e raciais;

- Conferir visibilidade para a produção de mulheres fotojornalistas com atuação na Paraíba, resgatando e divulgando suas trajetórias, visões de mundo, indo além do mero registro de suas produções.

1.1. JUSTIFICATIVA

Historicamente, a profissão de fotojornalista tem sido construída como um lugar comum masculinizado desde o século XX quando começa a se consolidar (TAUSZ, 2019), o que nos traz alguns pontos relevantes e importantes de serem destacados na construção do presente trabalho. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Women Photograph (WP) em 2022 existe uma diferença de gênero proeminente nas agências de notícias pelo mundo, sendo menos de 10% a presença feminina nesses espaços. Essa ausência feminina é internacionalmente exemplificada na pesquisa “The State of News Photography: Lives and Livelihoods of Photojournalists in the Digital Age” realizada pela Universidade de Oxford e Stirling em parceria com o World Press Photo Foundation com dados sobre fotojornalistas presentes em cem países, a pesquisa indica que em 2015 apenas 15% são mulheres em atuação, tornando evidente a predominância masculina nestes espaços.

No Brasil ainda existem poucos estudos sobre a área, mas estudo de destaque é a dissertação de mestrado da fotógrafa Simone Tausz (2019) que busca esmiuçar o tema a partir da divisão sexual do trabalho, das memórias e experiências pessoais de fotojornalistas no mercado através da cultura profissional. A ausência de estudos sobre a presença feminina no fotojornalismo, não está atrelada ao nível universitário, por exemplo, a mesma pesquisa citada anteriormente aponta que 82% das mulheres fotojornalistas possuem formação profissional acadêmica enquanto apenas 69% dos homens fotojornalistas tem graduação na área. Outra constatação é a de que, em geral, as mulheres recebem menos de acordo com todas as faixas salariais estudadas, não só no jornalismo, mas no mercado de trabalho ainda perdura a diferença de gênero com base salarial.

Além disso, as mulheres são menos propensas a serem contratadas, especialmente se possuem idade avançada, filhos e/ou dependentes. Logo a ausência do vínculo torna-se um fator crucial a ser considerado por qualquer estudo na área. A condição feminina no mercado de trabalho pode ser observada também no relatório de pesquisa “Perfil do jornalista brasileiro” realizado em 2021 pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que reitera bem os demarcadores de gênero, raça, etnia e classe, pois 58% das mulheres

entrevistas são brancas, solteiras e possuem até 40 anos. Tendo em vista que a construção do imaginário feminino na profissão depende de toda essa representação histórica e política da presença feminina no mercado de trabalho, é inegável que avançamos, pouco, mas avançamos neste campo de trabalho, pois somos maioria. Porém, ainda é preciso avançar no campo racial dentro da profissão. (SILVA,2017, p.2)

Segundo a pesquisa quantitativa de Azoubel (2019) sobre a produção acadêmica brasileira sobre fotojornalismo, com recorte de 2010 a 2014, podemos observar que 61% dos 63 textos abordados são produzidos por mulheres ou com mulheres, o que evidencia a presença feminina nos estudos do campo. Observa-se desproporcional o número de estudos e de atuação no mercado de trabalho além de um desequilíbrio no perfil acadêmico de pesquisadoras e pesquisadores no Brasil.

Através da dissertação de Tausz, pode-se compreender que o problema de gênero impacta diretamente na construção do registro da memória fotográfica e da construção destas narrativas visuais, especialmente para que elas sejam cada vez menos brancas, europeias e heteronormativas. Pode-se observar como a memória custa caro, não é à toa a dificuldade do acesso a registros de contratação de mulheres na profissão, já que na maioria das vezes elas são apenas prestadoras de serviço de um determinado veículo ou agência, mas raramente contratadas. Conforme dados do artigo “Mulheres no fotojornalismo: influência cultural da formação na inserção profissional” Natália Silva (2017) de nove das entrevistadas, apenas duas possuem vínculo empregatício formal. Além do campo ser sempre destacado como predominantemente masculino, a titulação de ser fotógrafa para mulheres sempre implica a necessidade de uma formação acadêmica para ser considerada ou reconhecida pelo campo, historicamente outros homens no Brasil foram reconhecidos, aclamados e premiados como fotojornalistas mesmo sem ter tido acesso ao ensino superior, Evandro Teixeira e Walter Firmo são exemplos disso.

Logo, ter um registro nos livros de história sempre custou mais caro para mulheres do que construir um acervo fotográfico. Essa lacuna também pode ser observada nas premiações de fotojornalismo. O Prêmio Esso de Jornalismo, por exemplo, só foi vencido por duas mulheres na categoria “fotojornalismo”. Isa Nigri venceu em 1997 com a fotografia “Rebelião da PM de Minas” para o jornal mineiro “O Tempo” e Wania Corredo foi premiada em 2002 com fotografia “Execução em uma rua de Benfica” para o jornal “Extra” do Rio de Janeiro. São apenas duas vencedoras na categoria de fotografia do prêmio ao longo de mais de sessenta anos de sua existência. O prêmio foi realizado no Brasil de 1955 a 2015.

Desse modo, é a partir deste cenário complexo da pesquisa de fotojornalismo, atrelada a questões de gênero que situo a minha investigação. Desde quando cursei três períodos em outra instituição, mas optei por continuar a graduação numa instituição pública, comecei a entender que a pesquisa era minha área de foco. Na verdade, a pesquisa está em minha vida tem exatos dez anos, quando comecei minhas reflexões sobre gênero a partir de experiências ainda no ensino médio. Historicizando a minha relação com a fotografia, comecei a fotografar com os filmes na antiga Kodak da minha família (anexo 01), acredito que por ter olhos claros e ser fotossensível nunca me seduziu estar à frente das lentes, gostava mais da ideia de projetar a minha concepção do mundo através das lentes. Durante a graduação descobri que já era fotógrafa, embora acreditasse que não. Durante as disciplinas de “Linguagem Fotográfica” e “Laboratório de Fotojornalismo” compreendi que queria ser fotojornalista. Ainda estou profundamente apaixonada por todas as técnicas de escrita que aprendi, entretanto no fotojornalismo, encontrei perspectivas sociais e políticas por meio da imagem.

Através da minha atuação no antigo site de literatura e cultura pop, o Escritos & Livros, obtive interesse por uma graduação em jornalismo, mas foi através exercício da profissão de fotojornalista durante a graduação, conhecendo mulheres em campo e ouvindo seus relatos que nasceu a ideia e agora a concepção deste produto. Compreendo-o como um trabalho em andamento, que ganhará consistência na medida em que as pesquisas se aprofundem, sendo muito possível que esta seja apenas a primeira edição. Espero tecer um presente para os novos horizontes jornalísticos que sejam menos doloridos, violentos e sobretudo que não colaborem com o apagamento histórico das mulheres nos livros, nas grades curriculares e no ensino de fotografia pelo Brasil.

Durante a graduação o primeiro projeto do qual fiz parte foi o Luz Negra que trabalha com fotografia, educomunicação e cultura afro-brasileira. Fui voluntária do Coletivo F8, site experimental de fotojornalismo produzido por alunos do curso e também fui voluntária no PIBIC da docente Verônica Almeida, quando formulamos e discutimos as questões laborais do jornalista com ênfase na pandemia. Este também foi um ponto chave para a reflexão da minha prática pós e durante a pandemia do covid-19. Fui bolsista do PIBIC do professor e orientador deste trabalho Rostand Melo, onde pesquisamos sobre memória e fotojornalismo na Paraíba através do acervo do Diário da Borborema e acervo pessoal do fotógrafo, Nicolau de Castro. Posto isso, saliento que estes são os grandes motivadores da minha vontade de construir uma bibliografia para a área, pois se os homens projetam homens, que sejam as mulheres que projetem o trabalho de outras mulheres a partir da sua vivência no campo. A partir disto, discuto na fundamentação teórica e destrincho o processo de produção do

trabalho nos capítulos três e quatro do presente relatório. Assim, podemos observar a validação das hipóteses apresentadas, compreender as reflexões teóricas causadas por meio das escolhas de produção que foram norteadoras em toda construção do produto editorial.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Foto-livro-reportagem como alternativa a produção de memória no campo jornalístico

As reflexões aqui presentes surgiram da aplicação de metodologias de pesquisa exploratória, por meio de entrevistas, e de revisão bibliográfica. Dentro do escopo pesquisado, uma obra se destaca pela influência que exerceu na maneira com que este trabalho foi realizado, o livro "A pauta é uma arma de combate", de Fabiana Moraes, publicado no final de 2022. Conheci melhor o trabalho da autora durante a pandemia, quando fiz um curso gratuito oferecido por ela sobre jornalismo de subjetividade. Esse encontro me fez refletir sobre minha prática jornalística e perceber que o desejo de humanizar essa prática surgiu antes mesmo da graduação, quando criei um site sobre literatura e cultura pop chamado "Escritos & Livros". Naturalmente, trouxe esse método para as entrevistas realizadas e para a edição do fotolivro-reportagem, entendendo que o processo de construção de memória não carrega apenas a exatidão do fato, mas também as subjetividades das narrativas.

A reflexão sobre a prática é crucial para a construção de um bom jornalismo. Quando nos atemos apenas a objetividade jornalística dos fatos, tendemos a reproduzir procedimentos padronizados, estáticos que não fazem sentido para grande parte da população. Esta por sua vez, tende a buscar à informação sob o crivo de outras perspectivas as vezes menos profissionalizadas, mas que faça sentido para o povo (MORAES, 2022). Uma produção que leva a subjetividade dos fatos em consideração, entende que há uma forte conexão entre a construção de narrativas e o cotidiano e que essa conexão se dá de forma quase sempre poética, seja por meio de palavras ou imagens.

Portanto, este fotolivro-reportagem tem a pretensão de ser registro e memória, mas também poesia e protesto. Visa envolver o leitor, mas também proporcionar a compreensão de fatos. Tudo isso, considerando a importância da subjetividade e tecendo presentes e futuros possíveis, nos quais as relações de gênero, raça e classe sejam fatores sempre importantes e levados em consideração na construção das narrativas históricas e identitárias. (MEDINA, 1973).

2.2 Mulheres, Feminismo e fotojornalismo

A luta do movimento feminista no Brasil é um fator importante a ser considerado ao fazer qualquer análise sobre mulher no campo do trabalho, sobretudo para compreender as

relações de trabalho e o fato de que ser mulher numa sociedade de classes é viver em estado de desigualdade. Enquanto houver Capitalismo existirá machismo, um sistema que se alimenta de crises sociais e políticas para a sua subsistência continuará a alimentar e criar novas formas de opressão. Posto isso, a luta feminista no Brasil proporcionou uma grande movimentação também na mídia hegemônica do país que ainda é responsável por criar a “imprensa feminina” que alimentou e criou estereótipos do que seria esse sujeito feminino e como ele deveria se comportar. Por isso foi importante a criação de uma imprensa feminista pelos movimentos sociais para a reivindicação de direitos dirigida pelo mesmo público, mas com o mote contestador e reflexivo da mulher na sociedade de classes. “Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos e do acesso à educação superior, as mulheres do século XIX estavam, majoritariamente, circunscritas ao espaço privado”. (TELLES, 1997, p. 408.)

Na Tese de Isabella Vale “Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e (in) visibilidade no contexto do Recife” (2017), ela faz uma importante análise sobre o campo fotojornalístico, naturalmente construído numa noção patriarcal, e com a percepção Marxista de que é o trabalho que dignifica o homem. Logo, a condição feminina de não ter tido oportunidade de adentrar nesses espaços prejudica todo o seu desempenho como sujeito de direitos na sociedade. Ao analisar o trabalho de outras mulheres fotógrafas, Isabella leva em consideração pontos importantes que elucidam a percepção e compreensão do trabalho feminino nesta área, pontos esses que adotei como norteadores da estruturação da hipótese deste trabalho, são eles: a formação profissional ou acadêmica feminina; os movimentos coletivos e seus atravessamentos; o movimento feminista no Brasil, a institucionalização da fotografia; e a fotografia de autoria feminina como escrevivência e potente resposta à e potente resposta a lógica machista presente seja no ensino, pesquisa ou exercício do fotojornalismo.

Para Sousa (2002), o fotojornalismo é uma atividade singular que através da fotografia se traveste de veículo de informação, de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao Planeta. Ele mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Para Buitoni (2012) a construção da foto jornalística está ligada a fatores informativos e/ou opinativos e a sua veiculação num órgão dotado de periodicidade.

De acordo com Boroski (2020) só a partir do surgimento do fotojornalismo é quando a fotografia deixa de ser um produto pessoal, passando a ter um caráter informativo, histórico e social que está vinculado a memória pública e coletiva. Sendo assim, a partir da institucionalização da fotografia no país através da criação do núcleo de fotografia na

FUNARTE também pode se observar o fortalecimento de ações organizadas em torno da prática. (CORRÊA E NICHELE, 2023).

A presença feminina no fotojornalismo é discutida no livro “Fotoperiodismo 3.0” de Estela Acaide publicado em 2017. Na obra, a autora historiza a profissão e depois discute, o fato de que, no começo, ausência de mulheres na profissão foi justificada pelo “risco de vida” que esses profissionais se colocariam para registrar o sofrimento da humanidade (tradução livre). Para Alcaide, os nomes femininos brilham pela sua ausência dos registros históricos.

A primeira mulher a se dedicar a profissão foi Jessie Tarbox Bels, nos Estados Unidos, cobrindo pautas nas ruas de New York em 1900. Embora existam poucos registros bibliográficos, a autora relata que existem evidências que comprovam a presença feminina na profissão desde o século XIX.

A hipótese da fotografia de autoria feminina como escrevivência pode ser discutida tanto pela psicologia social, como pela literatura, é uma condição que se confirma na leitura da tese de Vale (2006), os atravessamentos, as perspectivas individuais, coletivas e formações sociais traduzem uma narrativa singular, mas composta por olhares plurais ocupados pelo por esse lugar tido como feminino construído socialmente. Desse modo, o que é transposto através das imagens e do trabalho final pode ser tido escrevivência, pois cruza realidades por meio da fotografia.

2.3 O formato do foto-livro: conceitos, definições e publicações inspiradoras

Para a produção do foto-livro, tive como inspiração os seguintes títulos: Meninas do Rio, de Anne Stewart e edição de Cláudia Jaguaribe; Pankuru: identidade, memória e resistência, foto-livro etnográfico de Ana Araújo; e A Verdade vos libertará, de Gabriela Biló. Para o formato de livro-reportagem: Os sertões e O Nascimento de Joyce, de Fabiana Moraes; Presos que menstruam, de Nana Queiroz; e A vida que ninguém vê, de Eliane Brum.

O foto-livro tem como intenção a transmissão uma mensagem através das imagens, sejam elas acompanhadas de texto ou não, pode ter mais de um autor, suas imagens são selecionadas em contexto como parte de construção editorial seja ela impressa ou digital. Horácio Fernandes (2011), definiu os foto-livros como livros que possuem imagens autorais e que contam uma narrativa com continuidade. O livro-reportagem em sua essência também está a serviço da memória, mas ao contrário dos foto-livros, ele condensa em palavras a mensagem que deseja transmitir.

O produto midiático proposto e construído aqui, une narrativas imagéticas e textuais que contam um pouco das histórias das primeiras mulheres atuantes no fotojornalismo

paraibano por meio do trabalho e da subjetividade coletadas através de cada uma delas. As imagens são costuradas por falas das respectivas autoras recortadas das entrevistas que concederam. É nesse cenário que nasce o fotolivro-reportagem “fotojornalistas paraibanas: memória, gênero e subjetividade”, um livro de memórias que insiste em presentificar o que antes se marcava pela ausência, ou seja, atesta e expõe a presença feminina no fotojornalismo paraibano e chama a atenção para que ainda há muito a ser feito nesse sentido.

3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 Metodologia

O presente trabalho foi construído através da metodologia de revisão bibliográfica, a partir da pesquisa exploratória sobre a produção acerca da reflexão a prática feminina no fotojornalismo. No Brasil, ainda avançamos pouco na questão da reflexão sobre a prática do trabalho de repórter fotográfico, pois qualquer pessoa ainda pode tirar o registro e não necessariamente precisa ter formação na área jornalística ou de comunicação, basta atuar no mercado fotográfico, o que pode ser um benefício ou empecilho dependendo do recorte da pesquisa e análise desejada. Para a produção do presente produto foi necessária uma boa pesquisa e apuração dos fatos, listagem de fontes, referências visuais para construção editorial e uma vasta pesquisa documental nos jornais e acervos disponíveis no Estado.

A hipótese da escrevivência através da fotografia de autoria feminina está ligada a compreensão discutida neste trabalho e por Vale (2017) de que mulheres constroem narrativas visuais através dos seus atravessamentos pessoais, formações individuais e coletivas. E nesses atravessamentos há demarcadores sociais que costumo sempre considerar na minha análise, que são o gênero, raça e classe discutidos por Ângela Davis (2016).

3.2 Entrevistas e pré-produção

Foram realizadas oito entrevistas para o livro, sendo elas em ordem alfabética: Bianca Liege, Clara Lenira, Fabiana Veloso, Jaciara Aires, Juliana Santos, Katherine Nóbrega, Nelsina Vitorino e Paezinha Lemos. Apenas Clara e Bianca não possuem formação em Jornalismo, Liege é formada em Comunicação Social (Educomunicação) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Lenira em História e foi uma das primeiras Professoras de fotografia no SESC Cabo Branco, em João Pessoa. Todas as outras fotojornalistas citadas são formadas em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. O mercado de fotografia normalmente é porta de entrada para o trabalho feminino no Fotojornalismo, pois mesmo que já atuem em campo, a tendência feminina é de se graduar em jornalismo ou alguma área da comunicação para obter autoestima, para assim ter qualquer validação do seu trabalho no campo e na academia.

Através da dissertação de Tausz (2019), pode-se compreender que o problema de gênero impacta diretamente na construção do registro da memória fotográfica e da construção destas narrativas visuais, especialmente para que elas sejam cada vez menos brancas e

heteronormativas. Pode-se observar de diversas maneiras como a memória custa caro, ao constatar os raros registros de contratação de mulheres na profissão, já que na maioria das vezes elas são apenas prestadoras de serviço de um determinado veículo ou agência, mas raramente contratadas. Reitero, portanto, o que foi dito no artigo “Mulheres no fotojornalismo: influência cultural da formação na inserção profissional” de Natália Silva (2017): de nove das entrevistadas, apenas duas possuem vínculo empregatício formal, ou seja do campo ser sempre destacado como predominantemente masculino, a titulação de ser fotógrafa para mulheres sempre implica a necessidade de uma formação acadêmica para ser considerada ou reconhecida pelo campo historicamente outros homens no Brasil foram reconhecidos, aclamados e premiados como fotojornalistas mesmo sem ter tido acesso ao ensino superior, Evandro Teixeira e Walter Firmo são exemplos disso. Logo, ter um registro nos livros de história sempre custou mais caro para mulheres do que construir um acervo fotográfico. Essa lacuna também pode ser observada nas premiações de fotojornalismo, o Prêmio Esso de Jornalismo, por exemplo, só foi vencido por duas mulheres, Isa Nigri em 1997 com a fotografia “Rebelião da PM de Minas” para o jornal mineiro “O tempo” e Wania Corredo em 2002 com fotografia “Execução em uma rua de Benfica” para o Extra do Rio de Janeiro, na categoria de fotografia do prêmio ao longo de mais de sessenta anos de sua existência.

Na tese de Figueiredo JR (2016) “Fotojornalismo em Campina Grande – PB: mapeamento de relatos e imagens De 1960 A 2012”, o autor cita o exemplo de Katherine Nóbrega como a primeira mulher contratada formalmente como fotojornalista na cidade, pois só passa a considerar sua experiência profissional após ela ter o vínculo formalizado pelo jornal Diário da Borborema.

Katharine foi a primeira fotojornalista contratada a atuar no mercado de impressos em Campina Grande, todavia, entendemos ser importante registrar que no final dos anos 90 a fotógrafa Jaciara Aires trabalhou em parceria com o DB, especialmente para a Coluna Social do periódico, mas sem vínculo empregatício. (Figueiredo JR, 2016, p. 267).

Entretanto, outras mulheres já atuaram anteriormente na imprensa local sem vínculo. Ao ser procurada para a entrevista, a Katharine reitera que só foi contratada algum tempo após ser prestadora de serviço e que se colocava em condições de trabalho inadequadas para sobreviver na profissão, mas sua chegada no jornal abriu portas para outras mulheres dentro da redação, como Nelsina Vitorino e Juliana Santos, também entrevistadas. Logo, é possível afirmar que historicamente as mulheres no campo fotográfico no estado não possuíam vínculo

formal, a exemplo de Jaciara Aires que atuou na imprensa paraibana por anos sem vínculo. Com a chegada de Katharine houve um movimento maior devido sua a representação e referência.

Entre 2008 e 2016 quando os jornais Diário da Borborema (fechado em 2012) e Jornal da Paraíba (fechado em 2016) ainda se mantinham ativos na cidade de Campina Grande, pode-se observar que houve uma presença feminina no fotojornalismo local nunca vista antes na história, mas que ainda não é documentada em livros de fotografia do campo. Provando mais uma vez que a ausência não é o principal fator, essas mulheres existiram e ainda existem, mas precisam ser documentadas nas pesquisas e livros de história da fotografia e do fotojornalismo paraibano.

O feminismo não pode se considerar autônomo da luta de classes, tendo em vista que a presença feminina dentro da sociedade pode ser considerada um feito, mas não surgiu como um ponto acabado, já que sofre com muitas transformações sobretudo pelo sistema econômico vigente (SAFFIOTI, 1969). Tendo em vista que o capitalismo acirra as desigualdades sociais e ser mulher no Brasil é viver em estado de desigualdade, a classe trabalhadora feminina para se reconhecer como tal precisou passar diversas problemáticas, a principal delas é compreender que a figura feminina nunca esteve alheia ao trabalho, já que em todas as épocas e lugares, seu papel esteve atrelado a subsistência da família mesmo e para construir riqueza social (SAFFIOTI, 2013). É inegável que a presença de mulheres fotógrafas na América Latina e no mundo vem sofrendo um apagamento histórico, no entanto, há mulheres e pesquisadoras se imbuindo do sentimento de resistência para não deixar essa memória de apagar, são as organizadoras do projeto 10x10 *Photobooks* Olga Yatskevich e Russet Lederman, terem organizado o livro *What They Saw: Historical Photobook by Women, 1843-1999* em tradução livre “O que elas Viveram: Foto-livros Históricos por Mulheres 1843 – 1999”, lançado em 2022.

3.2 Impasses de produção

A era do digital, apesar de muito prática, traz alguns desafios para fotógrafos que têm que lidar com questões relativas ao tamanho dos arquivos e formas de armazenamento em constante transformação. Além disso, a digitalização para fotografia afetou algumas das entrevistadas diretamente, especialmente Clara Lenira que não possui controle do seu próprio acervo, pois ele está todo em posse da FUNESC, logo não teremos nenhuma fotografia dela

no material. Esse foi um dos motivadores de tornar o que seria inicialmente apenas um fotolivro, num fotolivro-reportagem e porque queria preservar a memória do trabalho dela.

Importante destacar o pioneirismo de Jaciara Aires na profissão que embora não tenha realizado uma entrevista presencial, pois ela é natural de Campina Grande, mas reside em Brasília porque ainda atua como fotojornalista na esfera política. Ela começou no campo antes de Katherine no final dos anos 90. Outras fotógrafas também foram procuradas, mas não aceitaram dar entrevista ou tiveram alguns impasses em suas agendas. Apenas as entrevistas de

Bianca Liege, Clara Lenira e Paizinha Lemos foram presenciais, pois, a professora Agda me cedeu carona, estadia em sua casa para evitar custos de deslocamento até João Pessoa, pois não tínhamos orçamento para essa produção. Katharina a entrevista foi realizada no primeiro semestre de 2023 de forma remota através da plataforma de videochamadas google meet, assim como, Juliana Santos que reside em João Pessoa. Já Bianca e Paizinha, residem em Campina Grande e próximo a autora o que facilitou deslocamento e custo.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro semiestruturado durante a disciplina de TCC 1, baseado nas obras “Entrevista um diálogo possível” (2000) e “A arte de tecer o presente” (2003) de Cremilda Medina.

Cronograma de Execução do produto (anexo 02 no apêndice detalhado)

Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Reavaliação das fontes já entrevistas, transcrição das entrevistas já realizadas e marcação de novas.	Novas entrevistas e recebimento de material	Reajuste de fontes, nova avaliação do material recebido e cobrança de material atrasado.	Escolha de trechos das entrevistas, fontes e referências visuais para o TCC.	Recebimento de Material atrasado, diagramação do produto e produção do relatório	Apresentação e defesa do material.

Equipamentos utilizados:

- Câmera Canon T7
- Iphone XR
- Microfone Boya de lapela
- Notebook Samsung Core com placa de vídeo dedicada
- Assinatura da Creative Cloud para estudantes da Adobe

Extensões e Softwares utilizados

- Adobe Fontes
- InDesing
- Lightroom Classic

O projeto não possuiu orçamento, pois todos os equipamentos listados pertencem a autora. A universidade também não possui nenhum tipo de orçamento para a produção de produto midiático como projeto para conclusão de curso, do departamento de Comunicação no Campus I.

3.3 Produção Editorial

As escolhas editoriais gráficas são todas usadas para justificar uma provável impressão ou disponibilização do material virtualmente para o campo de pesquisa tanto para uma possível publicação digital e impressa através de algum edital ou fomento público.

A fonte escolhida foi a Panel Sans de autoria de Mark Caneso nas variações (bold, medium e regular) disponibilizada pelo pacote gratuito dos assinantes da Adobe Creative Cloud. Assim como, a escolha da ilustração em png do filme de câmera analógica disponível gratuitamente para uso dos assinantes da *Creative Cloud* de Simon, simula o filme da Câmera Olympus Pen que foi a primeira câmera de Clara Lenira, principal personagem desta edição.

. O fundo de câmera fotográfica analógica é um vetor disponível gratuitamente no site Freepik sem autoria creditada, mas para o livre uso com créditos para o site.



Figura 01: Captura de tela da capa do produto do modo de apresentação do InDesign (programa da adobe).



Figura 02: Captura de tela da capa do produto do modo de apresentação do InDesign (programa da adobe).



Figura 03: Captura de tela da capa do produto do modo de apresentação do InDesign (programa da adobe).



Figura 04: Captura de tela da capa do site Livros de Fotografia da Obra Meninas do Rio. O livro pertence a coleção Século 21, não é paginado.



Figura 05: Captura de tela da capa do site Livros de Fotografia da Obra Meninas do Rio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de qualquer pesquisa sempre permeia a ideia de solucionar um problema, seja minimamente ou encontrar possíveis caminhos ou potenciais respostas. Afirmo que não encontrei todas as repostas que gostaria, mas consegui construir uma possível e a para mim o principal intuito dessa pesquisa sempre foi criar um livro. Este primeiro registro de memória da produção dessas fotojornalistas com respeito as suas trajetórias e que projete o seu trabalho.

Embora esteja construindo bibliografia ainda me assombra a ideia de que ainda não questionamos a base curricular do ensino de fotografia e suas principais referências no mercado ainda serem homens brancos hétero de classe média. Respeito suas trajetórias, mas questiono se eles ainda vão continuar colaborando com este apagamento e projetando sempre seus amigos em suas curadorias e livros.

Considero o resultado deste trabalho um processo em andamento, pois pretendo realizar outras edições e construir um grupo de pesquisa em fotojornalismo de autoria feminina na Paraíba e expandir para o nordeste. Além disso, pretendo também cursar mestrado e/ou especialização na área de fotografia como já mencionei anteriormente, assim como também dou aulas de fotografia, tive um projeto aprovado recentemente num edital de fomento cultura municipal para construir uma oficina de novas perspectivas de ver o mundo através da fotografia.

Essa hibridização do formato de foto-livro e livro-reportagem apresentada também constrói novas perspectivas para a produção no departamento de comunicação da Universidade. Tendo em vista que toda a minha trajetória acadêmica foi atravessada pelo movimento estudantil, sobretudo pela construção do movimento social “Levante popular da Juventude” que nasce dos movimentos do campo, mas que desde a sua nacionalização luta por memória, verdade e justiça. O Levante compreende, produz e constrói uma comunicação popular que busca produzir memória e identificação da classe trabalhadora através dos materiais de agitação e propaganda ou das mídias digitais e as transforma nos sonhos do povo, pensa numa sociedade mais justa com novos homens e novas mulheres. Para realizar o desejo de uma utopia de um mundo mais justo e menos violento.

Construir este material bibliográfico que me atravessa de inúmeras formas, seja pelo exercício da profissão ou da minha reflexão enquanto mulher, faz jus ao discutido por Fabiana Moraes, sobre quebrar a lógica academicista de pesquisa do nosso campo e profissão. Todas

as vezes que um jornalista se separa do campo e o estuda como um objeto a parte da profissão continuamos colaborando para a crença de uma atividade jornalística pura, que apenas é uma manutenção de privilégios da área que continua com a construção de novas formas de opressão. Além de colaborar com a naturalização da violência transformada em desigualdade que é um resquício de uma sociedade pós-escravidão, reconstrói a construção de um olhar binário da realidade que é tão discutido na academia, mas pouco reconstruído por nós ou repensado no mercado de trabalho.

Enquanto houver capitalismo haverá desigualdade, mas enquanto houver reflexões teóricas sobre as práticas da realidade da profissão almejo contribuir para contribuir para a construção de uma realidade menos dolorida, onde tenham mulheres nos currículos e bibliografias básicas das Universidades, não mais só em cursos especializados. O principal resultado desse trabalho é produzir material inédito sobre quem foi Clara Lenira, trazer a discussão da digitalização, do direto à memória do seu trabalho e da possibilidade de devolver pelo menos parte de seu acervo que ainda resta na fundação.

Por fim, pesquisa e subjetividade andam juntas. Almejo que o resultado deste trabalho abra horizontes de um novo Jornalismo ou forma de produção jornalística dentro do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual da Paraíba. Como natural de Pernambuco, sou extremamente bairrista, mas Campina Grande me devolveu a vontade de pesquisar gênero, me fez fotojornalista e apresentou horizontes possíveis de memória, verdade e justiça. Pretendo publicar este material seja digitalmente ou fisicamente através de um edital de fomento cultural.

REFERÊNCIAS

- BOROSKI, Marcia. **Fotojornalismo: técnicas e linguagens**. Curitiba: Intersaberes, 2020.
- BUITONI, Dulcilia Schroeder. **Fotografia e Jornalismo a informação pela imagem**. 1. ed. São Paulo: Saraiva Uni, 2012
- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CORREIA, Ronaldo de Oliveira. NICHELE, Heloisa “Mulheres fotógrafas anos 80: Narrativas sobre uma exposição dedicada a mulheres”, São Paulo, ARS, n.48. ano.21 p.199235. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/issue/view/12901/2625> Acesso em: 20 outubro de 2023.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. KEHL, Maria Rita.
- MAZZILLI, B.S. **O fotolivro como espaço de complexidade e potência para a fotografia documental**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.
- MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente, narrativa e cotidiano**. São Paulo, Summus Editorial, 2003.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo, Editora Ática, 1986, primeira edição.
- MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.
- MORAES, Fabiana. **A Pauta é uma arma de combate**. Porto Alegre, Arquipélago Editorial, 2022.
- MORAES, Fabiana. **Os Sertões: um livro reportagem de Fabiana Moraes**. Recife, Companhia Editora de Pernambuco, 2010.
- MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy. Jornalismo, transexualidade e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre, Arquipélago Editorial, 2015.
- MOURA, Daniela Fonseca. **Visibilidade e memória das mulheres nos livros de fotografia**. Base de Dados de Livros de Fotografia, 2020. Disponível em: <http://livrosdefotografia.org/artigos/@id/6904/>. Acesso em: 25/05/2023.

RAMOS, Marina. CONHECER FOTOLIVROS: (in) definições, histórias e processos de produção. Orientador: José Afonso da Silva Júnior. 2017. 2013. Dissertação (Mestrado) – Centro de Artes e Comunicação, Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SEM AUTOR: Entrevista: A produção feminina de fotolivros é tema de livro da 10x10 Photobooks. Revista Zoom, 2019, <https://revistazum.com.br/entrevistas/fotolivros-historicos-mulheres/> Acesso em 15 Janeiro de 2023.

SILVA, Natália. Mulheres no fotojornalismo: influência cultural da formação na inserção profissional. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, 2017. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1145-1.pdf>> Acesso em: 30 de abril de 2023.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. "Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. Rev. psicol. polít., São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 nov. 2023.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. 2002.

STEWART, Ane. **Meninas do Rio**. 1. ed, São Paulo, Editora Madalena, 2016.

TAUSZ, Simone Marinho de Souza Munro. Experiências profissionais das mulheres fotojornalistas: uma questão de gênero. Tese (Comunicação Social) – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p.142, 2019.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos Carla Bassanezi. São Paulo: Contexto, 1997. P. 401-442.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**. 1. ed. São Paulo: Record, 2015.

VALLE, Isabella Chianca Bessa Ribeiro do. Mulheres fotógrafas: resistências, enfrentamentos e as redes de (in)visibilidade no contexto do Recife. 2017. Tese (Doutorado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

VITORIO, Ana Paula. Fotolivros e tradução criativa. Base de Dados de Livros de Fotografia, 2023. Disponível em: <<https://livrosdefotografia.org/artigos/@id/42432>>. Acesso em: 10 abril de 2023.

APÊNDICE A – TÍTULO DO APÊNDICE

Figura 01 – acervo pessoal e familiar da autora.



Figura 02 – quadros de produção desenvolvidos durante as entrevistas, pesquisa e produção.



Fonte: Andresa Costa, acervo de produção.

Figura 03 – foto da entrevista com Bianca Liege em sua residência.



Fonte: Andresa Costa, acervo de produção.

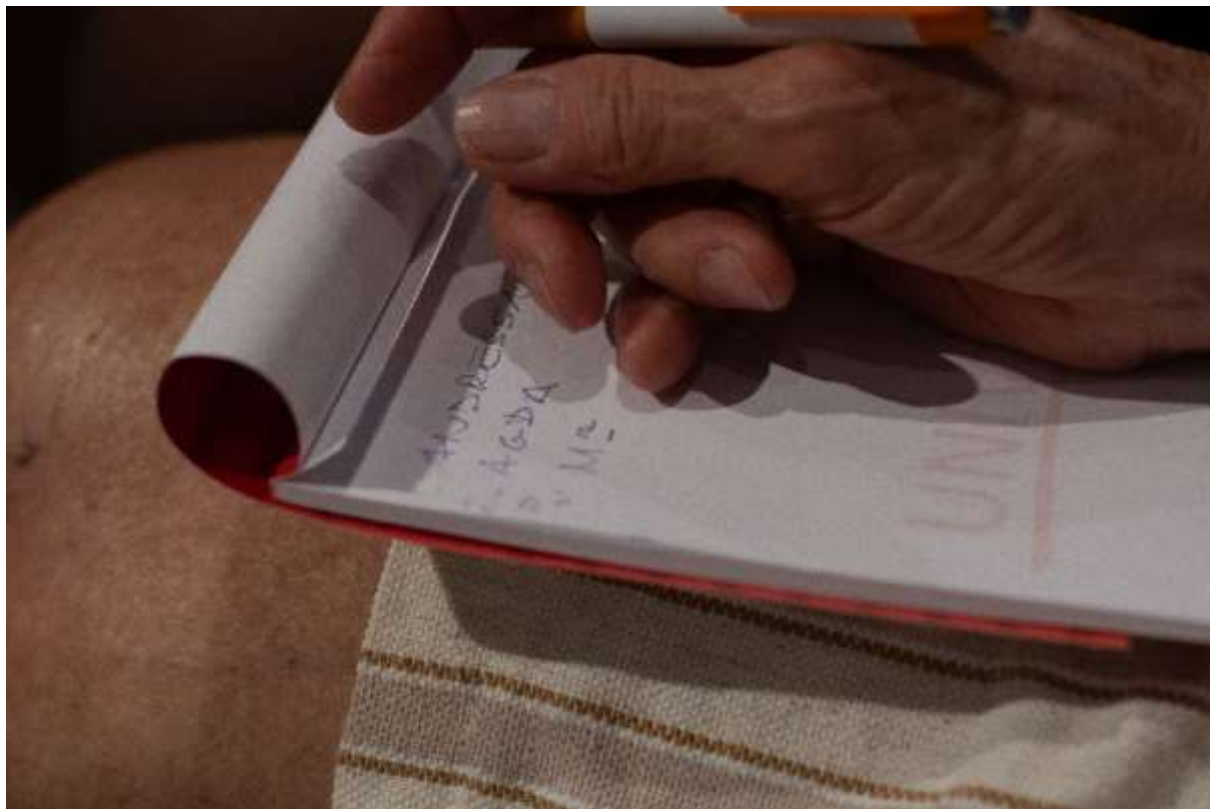
Figura 04 – foto da entrevista com Clara Lenira no Espaço Cultural em João Pessoa.

Foto produzida pela professora Agda Aquino.



Fonte: Agda Aquino.

Figura 05 – foto da entrevista com Clara Lenira no Espaço Cultural em João Pessoa.



Fonte: Andresa Costa, acervo de produção.

Figura 06 – foto da entrevista com Clara Lenira no Espaço Cultural em João Pessoa. Foto produzida pela autora.

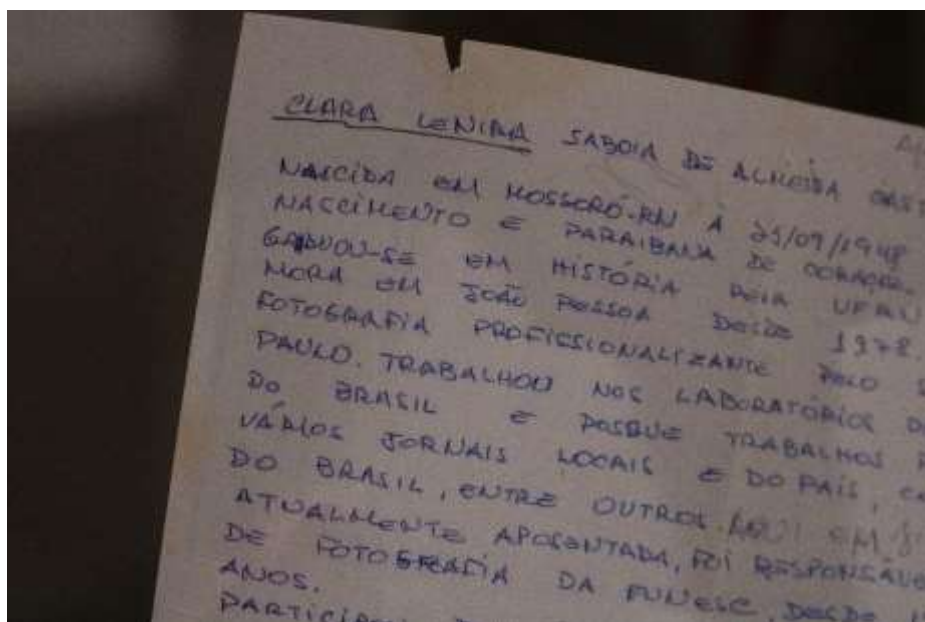


Figura 07 – foto da entrevista com Paezinha na Reitoria da UEPB



Fonte: Andresa Costa, acervo de produção.